

México- Culto aos Mortos
Do Mictlán ao Halloween - *Micailhuil* / *Morrigan*¹

Maria Teresa Toribio Brittes Lemos

O presente trabalho faz parte das pesquisas que estamos desenvolvendo na UERJ, no Programa de Prociencia. Refere-se à discussão sobre a inclusão, nos rituais mexicanos em homenagem aos mortos, no Dia dos Mortos de representações simbólicas exógenas, inerentes às Festas do Dia das Bruxas, ou Halloween, origem celta, realizadas no dia 31 de outubro².

O culto aos mortos é um dos rituais mais antigos e presente na maioria das religiões, em especial as mais antigas, ligado às festividades agrárias e de fertilidade. Para as sociedades tradicionais, os mortos eram como sementes, e por isso eram enterrados visando à ressurreição e retorno ao mundo dos vivos.

Entre as práticas culturais e representações simbólicas da Igreja Católica destaca-se o dia dos mortos, dedicado a ligação entre mortos e vivos. As sociedades em geral, tanto religiosas como profanas aderiram aquelas representações culturais. As informações sobre o culto aos mortos remontam ao século I, quando os cristãos visitavam os túmulos, especialmente dos mártires, para rezarem pelos que morreram.

A partir do século V, aquelas práticas se alteraram e o Dia dos Mortos passou a ser o dia dedicado para rezar por todos os mortos, a igreja rezava por aqueles que ninguém mais lembrava. Esse dia tornou-se oficialmente o Dia dos Mortos no século X, ocasião em que a Igreja Católica estabeleceu um dia especial para os mortos (Dia de Finados). Foi a partir do século XI, que os papas Silvestre II, João XVII e Leão IX passaram a forçar a comunidade a dedicar um dia aos mortos.

¹ - Morrigan era a deusa celta da guerra e da morte.

Arianrhold - guardiã da roda de prata, que circunda as estrelas. Símbolo do tempo e do carma. Deusa da reencarnação.

² - O vocábulo *Halloween* é proveniente do antigo termo inglês *all hallow even*, que significa “*a véspera de todo o sagrado*” (Iglesias y Cabrera (2008:40).

No século XIII, aquela data passou a ser comemorada no dia 2 de novembro, (no dia 1º de novembro é a festa de Todos os Santos celebra todos os que morreram em estado de graça e não foram canonizados). Atualmente as pessoas comemoram o Dia dos Mortos, levando flores aos túmulos e participam dos eventos ecumênicos.

Até os dias atuais, em vários outros países de herança católica, o Dia de Todos os Santos e o Dia dos Fiéis Defuntos são feriados onde as pessoas vão aos cemitérios com velas e flores e dão presentes às crianças, normalmente doces e brinquedos. Em Portugal e Espanha, oferendas são feitas neste dia. Na Espanha, a peça *Don Juan Tenorio* é tradicionalmente apresentada.

Na Espanha, Portugal, Itália, Bélgica, Países Baixos, França e Irlanda, as pessoas trazem flores para as sepulturas dos parentes mortos e fazem orações pelos mesmos. Na Eslováquia, Hungria, Lituânia, Croácia, Eslovênia, Romênia, Áustria, Alemanha, Suécia e Noruega, a tradição é acender velas e visitar os túmulos dos parentes falecidos. Na região do Tirol, bolos são deixados sobre a mesa e a sala é mantida quente para o conforto dos mortos. Na Bretanha, as pessoas vão aos cemitérios ao anoitecer para ajoelham-se perante as lápides de seus entes queridos e ungirem-nas com água benta ou fazerem libações de leite nela. Na hora de deitar, o jantar é deixado na mesa para as almas.

Entre as inúmeras versões sobre as festividades em homenagem aos mortos, destacam-se as cosmovisões egípcia³, celta e cristã-ortodoxa, cujas permanências culturais,

³ - A versão egípcia remete aos rituais pagãos populares mortuários dedicados ao deus Osíris, também cultuado com o *Rei da Eternidade, Soberano dos Deuses e dos Homens, Rei dos Reis* entre tantos outros nomes. Os egípcios, anualmente, celebravam a morte e a ressurreição de Osíris, realizando festas e rituais que duravam quatro dias, iniciando no 17 do mês Athir, que corresponde ao calendário alexandrino aos dias 13, 14, 15 e 16 de novembro (Frazer, 1944:449-454) culto a Osíris tem suscitado discussões sobre a vida de Cristo devido a acentuada semelhança com mistérios de Osíris.³

Durante aqueles dias a festa envolvia toda a sociedade. Uma procissão de fiéis levava a imagem de uma vaca doura num andor, representação da deusa, que durante todo o ano estava guardada no templo de Osíris. A procissão dava sete voltas no templo, como se Isis estivesse procurando o seu morto. O povo chorava e se golpeava no peito durante todo o trajeto. Nessa mesma festividade, os habitantes da cidade acendiam lamparinas de azeite durante toda a noite. Embora a festa fosse dedicada à Osíris também homenageava os demais mortos das famílias. Era uma noite dedicada aos mortos. Os

ressignificadas, são observadas nas práticas e representações culturais durante a realização dos rituais celebrados no México atual.

A versão cristã da origem do Dia dos Mortos cristão também é pagã e se remete à cultura celta durante as celebrações conhecidas atualmente como *Halloween*.⁴ É uma das festas mais importantes de adoração do deus do fogo dos antigos celtas⁵ realizada no dia 31 de outubro de nosso atual calendário. Também era a Festa das Almas, dedicada aos mortos e início do Ano Novo Celta.

A ilha de Man, situada no mar da Irlanda, foi uma fortaleza celta. Ficou muito tempo livre da influência dos invasores saxônicos e por esse motivo as práticas culturais e religiosas em homenagem aos mortos persistiram com maior intensidade. As festas eram realizadas no dia 31 de outubro, ocasião em que os habitantes se disfarçavam com fantasias e cantavam em língua *man* uma espécie de cantilena repetida chamada Hogmanay, “Esta noite é a Noite do Ano Novo! Hogunna!. E durante a noite os espíritos e as fadas voavam assustando os moradores. As adivinhações para o futuro consistiam em práticas culturais particulares nesse dia. Rezas e predições faziam parte das práticas culturais realizadas durante os rituais. Todos faziam adivinhações para prever se as condições do novo ano seriam boas ou más. Nesse dia, as almas dos

egípcios se preparavam para receber as almas de seus familiares mortos, oferecendo alimentos e iluminando sua chegada com as luzes das lamparinas.

Frazer (1944) se refere à iluminação das casas naqueles dias festivos como uma comemoração não apenas ao culto de Osíris morto, mas a todos os mortos em geral, ou seja uma noite dedicada às almas ou aos defuntos, devido à crença de que as almas dos mortos visitam seus antigos lares uma noite por ano e neste dia de comemoração solene as famílias se preparam para recepção dos espíritos deixando fora de casa alimentos para que eles comam e acendendo lamparinas para guiá-los em seu sombrio caminho do cemitério (Frazer, 1944:450).

⁴ - O vocábulo *Halloween* é proveniente do antigo termo inglês *all hallow even*, que significa “a véspera de todo o sagrado” (Iglesias y Cabrera (2008:40).

⁵ - Celtas – povo da família linguística européia que se espalhou pela maior parte do oeste da Europa a partir do segundo milênio a.C.. A primeira referência literária aos celtas (*Κελτοί*) foi feita pelo historiador grego Hecateu de Mileto no século VI a.C..Boa parte da população da Europa ocidental pertencia às etnias celtas até a eventual conquista daqueles territórios pelo Império Romano; organizavam-se em tribos, que ocupavam o território desde a península Ibérica até a Anatólia. Outras regiões europeias que também se identificam com a cultura celta são o País de Gales, uma entidade sub-nacional do Reino Unido, a Cornualha (Reino Unido), a Gália (França, e norte da Itália), o norte de Portugal e a Galiza (Espanha). Nestas regiões os traços linguísticos celtas sobrevivem, no folclore e nas tradições.A influência cultural celta, que jamais desapareceu, tem mesmo experimentado um ciclo de expansão em sua antiga zona de influência, com o aparecimento de música de inspiração celta e no reviver de muitos usos e costumes conhecidos atualmente como Celtismo.

mortos retornavam às suas casas para encontrar seus familiares e amigos. A cozinha era o espaço preparado para recebê-las, pois podiam se esquentar com o fogo das chaminés e desfrutar das comidas, frutas, bebidas e doces que mais gostavam, feitos para agradá-las, pois chegavam famintas e friorentas pela longa jornada de retorno do mundo dos mortos.

Os católicos ortodoxos não aceitam essas versões e afirmam que a Festa de Todos os Santos é puramente cristã e sem interferência pagã. Estudiosos católicos consideram que essa festa é dedicada aos bem aventurados, abençoados pelo Senhor e que começou em 610. Nesse ano, o Papa Bonifácio IV consagrou o Templo de Agripina. Lá foram colocadas as relíquias de muitos mártires e o antigo Templo pagão recebeu o nome de Igreja de Santa Maria dos Mártires, em homenagem aos mártires cristãos assassinados pelos romanos, antes de Constantino. O primeiro mártir conhecido foi San Esteban, morto em Jerusalém, após a ascensão de Cristo aos Céus.

Antes da consagração do Templo de Santa Maria, o aniversário da morte dos mártires era celebrada em suas próprias sepulturas, quando se oferecia um banquete eucarístico com pão e vinho (carne e sangue de Cristo). Essa prática cultural de se oferecer comida aos mortos em sua própria tumba pode ter influenciado os cristãos na Espanha Antiga e repassada para povos americanos, durante a evangelização (Iglesias e Cabrera .op.cit.p.41).

A inclusão de das práticas culturais do Halloween como fantasias de bruxas, chapéus pontudos, vassouras, roupas negras, unhas grandes ou garras, máscaras imitando monstros, os doces com forma de caveira, além de grupos organizados, gritando e correndo pelas ruas e amedrontando as pessoas está sendo explicada como fenômeno da Globalização, além de criticada pela maioria dos estudiosos mexicanos como imitação da cultura norte-americana.

Essas explicações simplistas não analisam o significado cultural das alterações introduzidas nos rituais realizados para homenagear os mortos. Por esse motivo, resolvemos pesquisar as origens daquelas *apropriações culturais* e iniciamos o

levantamento de novas fontes documentais, especialmente as que registram as manifestações culturais das sociedades ibéricas. Acreditamos que as atuais representações do Halloween, já ressignificadas pelo tempo e espaço históricos, consistam em fenômenos subjacentes, guardados pela memória coletiva hispânica e se mesclando às práticas culturais mexicas, durante a evangelização, conseqüência do confronto de imaginários náhuatl e cristão⁶.

Observamos que algumas regiões européias também se identificam com a cultura celta, como o País de Gales, Reino Unido, norte da Itália, Portugal e a Galícia. Nessas regiões os traços linguísticos celtas sobrevivem, no folclore e nas tradições. A influência cultural celta, que jamais desapareceu, tem mesmo experimentado um ciclo de expansão em sua antiga zona de influência, com o aparecimento de música de inspiração celta e o revival de muitos usos e costumes conhecidos atualmente como Celtismo.

Sobre os celtas na Península Ibérica, recorremos aos estudos realizados por Daniel Bradley (2004), do Trinity College de Dublin e Bryan Sykes, da Universidade de Oxford (2006) demonstraram que os laços genéticos entre os habitantes de áreas célticas como Gales, Escócia, Irlanda, Bretanha e Cornualha são muito fortes e trouxeram uma novidade: a de que, entre todos os demais povos da Europa, os traços genéticos mais próximos destes eram encontrados na península Ibérica⁷.

A expansão das Festas do Halloween, por vários países da América Latina, tende a confundir os estudos sobre práticas e representações das sociedades tradicionais e suas ressignificações atuais, vinculando aquelas alterações ritualísticas ao fenômeno da Globalização.

Os estudos realizados durante as pesquisas de campo, no México e especialmente em Octopepec, em Cuernavaca, revelaram a presença de práticas culturais *estranhas* ao objeto investigado. A constatação daquelas novas manifestações culturais nos instigou à continuidade das pesquisas, direcionando nosso interesse para o estudo da origem

⁶ - Ver *O Corpo Calado* - confrontos de imaginários mexica e espanhol. RJ. 7 Letras, 2000

⁷ - Iglesias y Cabrera, Idem, p.40.

daqueles fenômenos. Também os relatos dos cronistas, especialmente os primeiros franciscanos que estiveram no México após a segunda década do século XVI, como Andrés de Olmos, em seu livro *Tratado sobre Feitiçaria*, apresentavam em suas obras exemplos da prática de feitiçaria, na região de Biscaya. A perseguição às bruxas e feitiçaria fazia parte dos discursos religiosos daqueles cronistas franciscanos. A retórica deles encontrava-se imbricada e diluída na cosmovisão cristã.

Ao revisitarmos as fontes históricas hispânicas, percebemos que o caráter sincrético implícito nas descrições realizadas estava permeado de forte influência das sociedades tradicionais celtiberas. Consideramos importante investigar essa nova questão e completarmos a análise sobre as práticas culturais e representações simbólicas que consubstanciam as cerimônias em homenagem aos mortos, no México.

Esse fenômeno cultural também altera o comércio e a vida cotidiana, devido à novidade introduzida como *modernidade* trazida pela Globalização e *influência americana*. Ao levantar esse tema para reflexão, pretendemos contribuir para recuperar fragmentos da cultura mexicana e construir uma história cultural a partir das tradições e narrativas orais.

Dia dos Mortos – México

No México, as festividades do Dia de Todos os Santos e Dia dos Mortos⁸ envolvem a maioria da população, das autoridades federais, municipais e eclesiásticas às pessoas ditas *comuns*. São um dos mais fortes traços de identidade cultural que une os mexicanos em todo o país. Trata-se de uma identidade baseada no transcendental, que ultrapassa os limites da vida e atinge os níveis simbólicos da morte, unindo, em seus rituais, os mortos e os vivos.

É um ritual de integração social, quando os familiares e amigos mortos, através da mesma trilha dos *senderos luminosos*, vêm comemorar com os vivos a prosperidade e o

⁸ - As festividades são realizadas de 28 de outubro (dia de S.Judas Tadeu) a 2 de novembro.

legado que construíram para seus sucessores⁹, lembrando valores e normas de comportamento de seus antepassados. As famílias agradecem aos mortos a sua prosperidade e a proteção recebida.

Durante essas festividades, vivos e mortos rompem as barreiras da alteridade e do antropocentrismo, e se confraternizam. As relações, nesse momento, obedecem a uma ética fenomenológica, estabelecida pelos limites mais profundos e obscuros para as sociedades ocidentais, que são os limites entre a vida e a morte. Essa nova dimensão, estranha e atraente, é o objeto da nossa pesquisa sobre a história cultural mexicana.

Delumeau (2003) observa que as relações com os mortos foram durante muito tempo ambíguas. Todas as civilizações tradicionais, incluindo, em certa medida, a Europa cristã, comportaram-se como se acreditassem na *sobrevivência do duplo*. Aquelas sociedades acreditavam que os mortos, o corpo e a alma continuavam a viver e que poderiam retornar aos lugares onde haviam vivido. Segundo o autor, eles eram menos *mortais que a-mortais*, pelo menos durante certo tempo.¹⁰

Os mortos eram tratados como se ainda estivessem próximos dos familiares. Inspiravam medo e, muitas vezes, tranqüilidade. Dessa crença, decorriam atitudes complexas, temores e solidariedade. Receio de que os mortos sem sepultura ou falecidos de maneira violenta *perturbassem, como fantasmas, a sociedade dos vivos – o que se tentava impedir por múltiplos ritos, - mas também a familiaridade baseada na convicção de solidariedade entre os vivos e os mortos.*¹¹

Essas relações, estreitas e afetuosas, explicam a realização, pelos familiares e amigos, de rituais e demais práticas culturais para lembrar e prestigiar os seus mortos. Essa aproximação entre mortos e vivos também fortaleceu os laços de identidade entre os membros dos grupos sociais envolvidos com as pessoas falecidas.

⁹ - Tozzer, A.M.- *A Maya Grammar*, (unabridged republication), New York: Dover. 1921] (1977), p.15

¹⁰ -Morin, E. – *L'homme et la Mort*. Paris, Le Seuil, 1970, p. 132-56

¹¹ -Delumeau, Jean – *O que sobrou do Paraíso*. SP., Cia das Letras, 2003, p.491

Philippe Ariès (2003) escreveu um longo trabalho sobre como o cristianismo aproximou os mortos dos vivos. Suas observações fundamentam os estudos sobre a morte. Embora nossa pesquisa seja sobre festas e ritualidades no dia dos Mortos, as informações de Ariès são consideráveis para explicar as práticas culturais realizadas para os mortos.

Para o autor, a aproximação entre vivos e mortos manifestou-se particularmente pelo agrupamento dos túmulos em torno das sepulturas dos santos. O espaço da Igreja preferido era junto aos túmulos dos mártires. Mais tarde, foram criados cemitérios nas proximidades das igrejas, mas os sepultamentos continuaram freqüentes no interior dos santuários.

Deve-se ressaltar que os mortos, colocados sob a proteção dos santos e de suas relíquias, desempenham uma dupla função. Além de ajudar os outros mortos que acabavam de chegar ao local, eles também atendiam aos pedidos dos vivos. A estreita relação, instituída pelo cristianismo, entre vivos e mortos explica a criação da festa de Todos os Santos e, depois, da dos Mortos. O seu caráter coletivo subtendia a continuidade do laço entre vivos e mortos, fato que foi confirmado pela instauração da festa dos Mortos.¹²

No México pré-hispânico, os enterramentos seguiam quase a mesma ordem. Eram realizados em lugares sagrados, perto dos cerros ou templos, junto com seus deuses, representados pequenas estátuas, além de um cachorro - *Itzicuintli*¹³, que acompanhava o morto para que ele não errasse o caminho para o *Mictlán* (lugar dos mortos). Uma vez por ano, em agosto, retornavam para rever seus familiares e participar das festas organizadas em sua homenagem.¹⁴

¹² -Delumeau, Jean – Op. cit., p.493/5

¹³ - E comum encontrar esses cachorros em túmulos ou representados nos *tlacuillo*. *Xoloitzquintle* cachorros sem pelo. Geralmente são representados por um macho e uma fêmea abraçados. São símbolos dos mortos.

¹⁴ - As informações descritas por Jean Delumeau sobre os rituais e práticas no México não correspondem às fontes pesquisadas e aos relatos. Por isso, não serão consideradas neste trabalho. Delumeau, op. cit., p.491.

Essas manifestações religiosas e profanas permanecem no imaginário de grande parte da população mexicana, com suas ressignificações, especialmente onde predomina a mestiçagem ou em comunidades indígenas. Elas integram a cosmovisão de grande parte da população até os dias atuais.